
NO MEIO DA BICHARADA
HISTÓRIAS DE BICHOS DO BRASIL
RECONTADAS POR
Ricardo Prado
Ilustrações de
Paulo Manzi
Richmond

# NO MEIO DA BICHARADA

## HISTÓRIAS DE BICHOS DO BRASIL

RECONTADAS POR
Ricardo Prado

Ilustrações de
Paulo Manzi

1ª edição, 2018

Richmond

© RICARDO PRADO, 2018

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO Marilia Mendes
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake, Elisa Nogueira
ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MIOLO Paulo Manzi
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero
REVISÃO Dirce Y. Yamamoto, Nancy H. Dias, Sandra G. Cortés, Thiago Dias
COORDENAÇÃO DE BUREAU Rubens Mendes Rodrigues
PRÉ-IMPRESSÃO Alexandre Petreca
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wendell Jim C. Monteiro
IMPRESSÃO
LOTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prado, Ricardo
No meio da bicharada: histórias de bichos do Brasil / recontadas por Ricardo Prado; ilustrações Paulo Manzi. — 1. ed. — São Paulo : Richmond Educação, 2018.

ISBN 978-85-9460-026-4

1. Animais — Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil I. Manzi, Paulo. II. Título.

18-15250 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

**RICHMOND EDUCAÇÃO LTDA.**
Rua Padre Adelino, 758, sala 3 - Quarta Parada
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
2018
*Impresso no Brasil*

# SUMÁRIO

Apresentação, 4

A briga da preguiça com o camaleão, 6

O japim orgulhoso, 15

A corrida do veado e do jabuti, 19

A casa da onça e do bode, 26

A disputa da onça e da araponga, 34

O mau cheiro do gambá, 38

A onça e a cutia, 41

A origem do rio Amazonas, 50

O maguari e o sono, 52

A vingança do jabuti, 55

A onça e o fogo, 61

# APRESENTAÇÃO

Todas as histórias deste livro foram criadas por diferentes povos indígenas do Brasil, há muito tempo, antes de o Brasil ser o país que é hoje. Como os indígenas que viviam aqui antes da chegada dos europeus não usavam a linguagem escrita, essas histórias passavam de geração em geração graças aos seus contadores, geralmente as pessoas mais velhas da aldeia. Alguns, ao contarem um conto, aumentavam um ponto... Outros buscavam contar a mesmíssima história ouvida de seu pai — ou de alguém mais velho, que, por sua vez, a escutou de alguém mais velho, e este ouviu de outro mais velho, e assim por diante.

Em algum momento, essas histórias também foram contadas para visitantes não indígenas, que se encantaram com a beleza e os ensinamentos que traziam. São contos em que os animais falam e se comportam como gente. Histórias como essas existem em todos os continentes, em diversas culturas. Quase sempre envolvem uma disputa entre dois ou mais animais da fauna local e eram contadas porque os mais velhos viam nelas um bom jeito de ensinar algumas lições de vida, cercados pela atenção, pela curiosidade e pelos comentários dos mais novos. Afinal, quem não gosta de uma boa história?

Este livro de recontos indígenas brasileiros traz, ao fim de cada um, a referência ao autor não indígena que transformou aquela história contada oralmente em uma narrativa escrita. Foram esses textos, a maioria deles publicados na época da Colô-

nia ou quando o Brasil ainda era governado por um de seus dois imperadores, que serviram de ponto de partida para as histórias que vocês lerão a seguir. Como elas foram escritas pela primeira vez também há muito tempo, os contos ganharam uma redação nova, mas se buscou preservar a essência da história original.

Então, leitor ou leitora, gostaria que você se imaginasse dentro de uma grande oca, deitado em uma rede tecida com fibras da floresta (aliás, essa é uma das inúmeras invenções indígenas que usamos até hoje) ou junto a uma roda formada por você e outras crianças em torno da fogueira, com um bom e velho contador de histórias se preparando para contar uma aventura do tempo em que os bichos falavam.

Melhor ainda: faça de conta que você é um Kaingang, mesmo que você não seja um Kaingang ou, talvez, nem seja indígena. Sabe por quê? Segundo o linguista Wilmar D'Angelis, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, na língua desse povo que vive no sul do país há um verbo específico que a pessoa usa quando quer dizer que o outro vai "falar", outro para "conversar ou bater papo", outro para "contar alguma coisa que aconteceu para outra pessoa" e, ainda, um verbo que só é usado para "contar certo tipo de história antiga (e que as pessoas devem ouvir deitadas)"[1]. Assim, quando um Kaingang usa esse último verbo, explicando que vai contar uma "história antiga", todos sabem que devem ficar deitados, para se ocuparem dela com toda a atenção do mundo.

Então, leitores e leitoras, queiram se deitar que lá vem a história...

1 D'ANGELIS, Wilmar. Histórias dos índios lá em casa, publicado em *Conto e reconto: literatura e (re)criação*. TV Escola – Programa 2, MEC, Brasília (DF), 2005.

# A BRIGA DA PREGUIÇA COM O CAMALEÃO

Ninguém na mata soube dizer direito como aquela discussão começou, mas todos logo ficaram sabendo que o bicho-preguiça e o camaleão estavam brigados. Um falava mal do outro na primeira oportunidade que surgisse.

A preguiça morava em uma árvore de embaúba, que era a sua comida de todos os dias. A árvore ficava junto da margem do grande rio. Bastava algum bicho parar ali e a preguiça puxava assunto. E arranjava um jeito de falar que o camaleão era o bicho mais preguiçoso daquela mata. Isso porque, da árvore onde a preguiça vivia, ela espiava o camaleão se esquentando o dia inteiro em uma grande pedra na curva do rio.

— Veja só, amigo macaco. Enquanto você e eu estamos buscando nossa comida, o camaleão só quer saber de descansar — dizia a pregui-

ça, enquanto escolhia as folhas de embaúba mais verdinhas para comer. Cada folha que ela escolhia era examinada com todo o cuidado até ir à sua boca. Ali, seria mastigada mais de duzentas vezes. E, enquanto mastigava, a preguiça espiava o camaleão, sempre ali, se esquentando ao sol, sem fazer nada.

Quando o camaleão soube que a preguiça andava falando mal dele, ficou tão furioso que mudou de sua habitual cor verde para um roxo bem enfezado, e depois para um vermelho-pimentão de raiva, enquanto respondia ao queixada, que havia lhe trazido aquela novidade.



— Veja você mesmo, amigo queixada! Lá está a preguiça, no mesmo galho de ontem. E deve estar mastigando a mesma folha de anteontem! Justo ela vem falar que eu sou preguiçoso? Ora, essa! — berrou de raiva o camaleão.

Dessa forma, o camelão também começou a falar mal da sua vizinha de rio para qualquer um que se aproximasse da sua pedra para beber água.

Em pouco tempo, aquele disse-que-disse-que-disse se tornou o principal assunto na mata. Alguns bichos achavam que a preguiça estava certa e que o camaleão só queria mesmo tomar sol e ficar ali, se fingindo de morto, até lançar sua língua pra engolir alguma mosca. Não saía da sua pedra nem mesmo pra comer! Já outros achavam que a preguiça resolveu criar aquela discussão toda só porque estava cansada de sua má fama de preguiçosa e queria se livrar dela.

Aquele mexerico nas árvores da floresta finalmente chegou aos ouvidos do deus Tupã, que mandou chamar o pássaro japim.

— Eu lhe dei o poder de imitar o canto dos outros pássaros e aprender a assobiar. Sendo o pássaro mais inteligente da mata, você conseguirá descobrir o motivo dessa briga da preguiça com o camaleão — disse o poderoso Tupã.



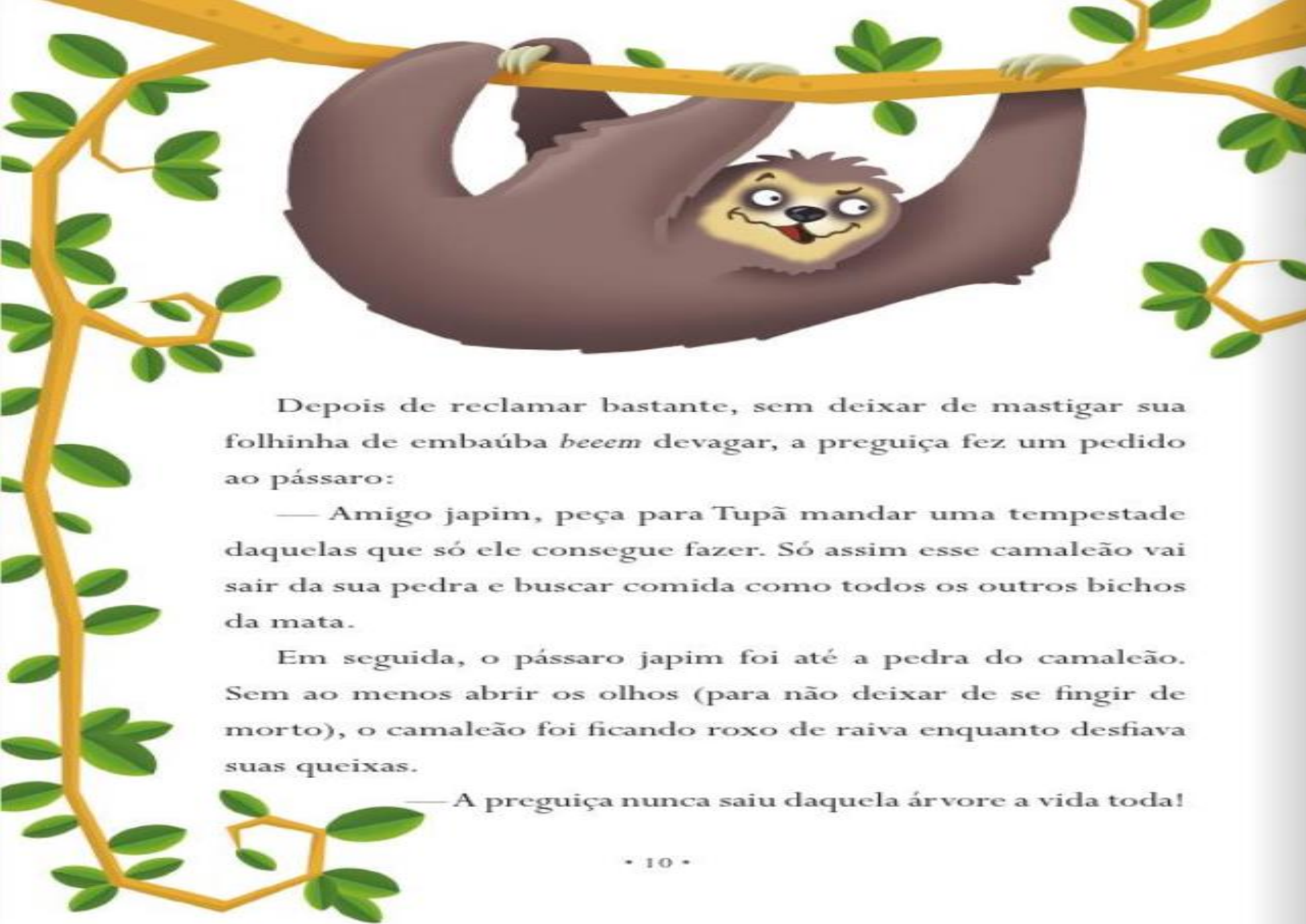
O japim voou ligeiro para cumprir a sua missão. Primeiro visitou o bicho-preguiça e ouviu dele uma ladainha interminável de queixas do camaleão:

... que ele não fazia nada o dia inteiro...

... que ficava trocando de cor só pra causar inveja nos outros bichos...

... que esse negócio de se fingir de morto não estava certo com os outros bichos, coitados...

... e que Tupã não deveria permitir aquele mau exemplo.



Depois de reclamar bastante, sem deixar de mastigar sua folhinha de embaúba *beeem* devagar, a preguiça fez um pedido ao pássaro:

— Amigo japim, peça para Tupã mandar uma tempestade daquelas que só ele consegue fazer. Só assim esse camaleão vai sair da sua pedra e buscar comida como todos os outros bichos da mata.

Em seguida, o pássaro japim foi até a pedra do camaleão. Sem ao menos abrir os olhos (para não deixar de se fingir de morto), o camaleão foi ficando roxo de raiva enquanto desfiava suas queixas.

— A preguiça nunca saiu daquela árvore a vida toda!

— Ela é uma fofoqueira que só fica cuidando da vida dos outros!

— Bota a preguiça na água pra ver se ela não sai nadando bem rápido, eu mesmo já vi no dia da inundação! É tudo preguiça dessa aí!

Quando já estava ficando cinza de tanta raiva de sua vizinha de rio, o camaleão fez um pedido:

— Amigo japim, você que é tão amigo de Tupã, peça para ele mandar uma chuva bem miudinha, daquelas que entram no pelo de qualquer bicho. Desse jeito, aquela preguiça vai sair da sua árvore e parar de importunar os outros bichos da floresta.

O japim voou até o Céu com as queixas dos dois e os seus pedidos. Tupã ouviu com toda a atenção os motivos da preguiça e do camaleão.

No dia seguinte, fez desabar um aguaceiro como nunca se viu naquelas redondezas. E a preguiça, do alto de sua árvore, ria e apontava com suas unhas compridas para o camaleão, que não parava de inchar.

— Olha só, o camaleão vai explodir! Eu não disse que ele é o bicho mais preguiçoso da floresta? Olha só a chuva que Tupã mandou, justo o que eu pedi! Viram, ele castigou a preguiça do camaleão!

Muito bicho deu razão à preguiça. E o camaleão, de tão inchado, já não conseguia nem abrir o olho. Ficou ali mesmo na pedra, parado,

esperando aquele aguaceiro terrível passar, enquanto ouvia a risada de todos os bichos da floresta.

Por fim, a tempestade acabou. E depois de alguns dias de Sol, começou a garoar. Era uma chuvinha fina, miúda, que se prolongou por muitos e muitos dias. E todo bicho que chegava até a pedra do rio pra beber água dessa vez ouvia o camaleão gritar, enquanto apontava com a língua comprida para a preguiça na sua árvore. Ela estava mesmo irreconhecível, horrorosa, com os pelos murchos e escorridos revelando seu corpo miudinho.

—Viram como eu estava certo? Ela é mesmo uma preguiçosa! Tupã mandou essa chuva para mostrar como ela é magrinha. Também, essa preguiçosa só come essas folhas, tinha que ficar desse jeito...

E como na mata sempre chove, seja tempestade, seja chuvinha fina, dizem que essa briga continua até os dias de hoje. Quando baixa o aguaceiro na mata, os bichos já sabem que a preguiça vai rir do camaleão inchado. E quando começa a garoar por mais de uma Lua, quem for ao rio vai ouvir algum comentário maldoso do camaleão, apontando com sua língua afiada a preguiça naquela situação lamentável, toda lambida e escorrida...



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

O conto "A briga da preguiça com o camaleão" teve como ponto de partida a narrativa coletada pelo historiador paraense Ernesto Cruz em seu livro *Na Terra das Igaçabas — contos, mitos e folclore da Amazônia*, publicado em 1935. A narrativa parte do que é sabido por todos na região do rio Tocantins, onde foi coletada: as grandes chuvas fazem inchar o camaleão e só uma garoa bem prolongada é capaz de penetrar o pelo denso da preguiça.

O camaleão do conto, segundo explica o *Dicionário dos Animais do Brasil*, de Rodolpho von Ihering, seria na verdade a iguana brasileira, já que o camaleão é um animal que vive no sul da Europa, no norte da África e na Índia. "Foi nessas espécies que primeiro se observou a curiosa faculdade que tem sua pele de mudar de cor, de acordo com o colorido do ambiente", explica o biólogo, confirmando que nossas iguanas têm a mesma capacidade de seus parentes camaleões. Ele também explica que na região Nordeste a iguana é chamada de "preguiça" por conta da sua tática de permanecer imóvel para fugir dos predadores e caçar suas presas. Ou seja, o bicho-preguiça até que tinha certa razão ao falar mal do camaleão...

# O JAPIM ORGULHOSO

Antes de viver junto com os outros pássaros, o japim morava no Céu e vivia só para cantar e alegrar o deus Tupã, que lhe ensinava a cada dia um canto novo.

Um dia, Tupã pediu que o japim voasse até a mata para que todos que viviam ali também pudessem se alegrar com aquele canto maravilhoso.

E o canto do japim era mesmo lindo. Tão lindo que todos os outros pássaros pararam de cantar, envergonhados que ficaram com seus piu-pius curtinhos e sem graça.

O japim ficou muito orgulhoso do seu sucesso, tanto no Céu como na Terra. E sendo também muito inteligente, ele começou a imitar o canto dos outros pássaros, para mostrar a todos que ninguém ali can-

tava como ele. Assim, em pouco tempo, só o japim cantava na mata, todo inchado de si. Quando não cantava suas melodias maravilhosas, imitava o canto dos outros pássaros, de pura provocação. Estes se sentiam cada vez com menos vontade de cantar. Nem mesmo piar eles queriam mais.

Mas Tupã não gostou do orgulho do japim e resolveu castigá-lo, não permitindo que o pássaro voltasse a viver no Céu. Fez, também, com que o japim esquecesse todas aquelas músicas maravilhosas que só ele sabia cantar. É por isso que, depois que passou a viver entre os outros pássaros na Terra, o japim só consegue imitar o canto de quem está perto, mas não canta nada que seja seu.

Só que essa história não acaba assim...

Caído do Céu para a Terra, a vida do japim ficou bem diferente da tranquilidade de quando ele cantava para o deus Tupã e aprendia a cada dia uma linda canção. Como nenhum outro bicho de bico esquecia as imitações maldosas do japim, bastava ele pousar na mesma árvore para que fosse enxotado para outro lugar pelo pássaro que estivesse pousado ali.

O japim passou aquele primeiro dia na floresta sem descanso, pulando de galho em galho, de árvore em árvore.

Esgotado de tanto voar sem conseguir chegar a um lugar onde pudesse construir seu ninho, o japim teve uma ideia salvadora: convi-

dou a vespa para ser madrinha de todo filhote de japim que nascesse a partir daquele dia.

As vespas se alvoroçaram, sentindo-se muito orgulhosas com o convite. E disseram:

— Compadre japim, nós só zumbimos, e essa história de imitar outros pássaros não nos interessa nem um pouquinho. Mas faça seu ninho perto das nossas casas que nós protegeremos todos os ovos da sua ninhada.

É por isso que, dizem, até hoje o pássaro japim prefere fazer seus ninhos perto das madrinhas vespas, de onde se sente protegido para imitar os cantos dos seus colegas de pena sem ser importunado.



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

A reescrita desse conto provém de duas fontes, uma que apresenta o início, outra o fim da narrativa. No livro *Lendas Amazônicas*, J. Coutinho de Oliveira narra a vida celestial do pássaro japim junto ao deus Tupã e a punição que recebeu por ter sido tão vaidoso. Já a parte final do conto, ou seja, a vida dura do japim com as outras aves e sua aliança salvadora com as vespas, é citada em *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas*, um livro de 1925 publicado pelo jesuita Carlos Teschauer (Editora da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1925). Ao narrar a fábula do pássaro, que ali é chamado de japu, ele cita o naturalista Emílio Goeldi, que depois daria seu nome a um importante museu de Belém do Pará: "Extremamente notável é, sem dúvida, a circunstância de diversas aves indígenas de nidificarem próximo a casas de marimbondos maus e assanhados. Quem não pasmará de tal escolha de local? Será isto simples acaso ou instinto?", especulava o cientista, que era especialista em aves.

Mais uma vez, o conto busca uma explicação ficcional para o que se via na floresta. Um bom observador da natureza, em um dia inspirado, deve ter pensado: "Esse japim (ou japu, ou japiim, ou xexéu) gosta de imitar o canto dos outros pássaros e sempre escolhe as árvores com casas de marimbondos ou vespas para viver por perto... Acho que isso pode dar uma boa história". E deu!

# A CORRIDA DO VEADO E DO JABUTI

Um grupo de bichos conversava em uma clareira sobre o terrível incêndio que tomou conta da floresta duas Luas atrás. Foi uma grande correria e as chamas queimaram durante dias, até que uma tempestade acabasse com o fogo.

Cada bicho da roda contava o que estava fazendo quando começou a sentir o cheiro de fumaça ardendo os olhos ou a quentura do fogo chegando perto.

Era a vez do jabuti, que, com seu jeito vagaroso de falar, contava sua aventura naquele dia. E ele terminou desta forma a sua história:

— E assim que o fogo diminuiu eu saí rapidinho da minha toca!

Todos ouviram uma risada bem alta, do veado-campeiro.

— Rapidinho? O amigo jabuti? Essa é uma boa piada!

— Se eu não fosse rápido mesmo, não estaria aqui contando essa história! — se defendeu o jabuti, já olhando com cara de poucos amigos para o veado.

— Você, rápido?! Essa eu quero ver! — provocou o veado.

— Pois vamos decidir isso numa corrida! — respondeu o jabuti.

O desafio foi seguido por nova risada do veado. Os outros bichos também riram.



— Nem se eu corresse de olhos fechados você conseguiria ganhar de mim! — respondeu o veado.

— Pois vamos ver, então! — insistiu o jabuti, para espanto ainda maior dos outros bichos, que só podiam rir daquele despropósito: o jabuti, tão lento, querer ganhar uma corrida do velocíssimo veado!

Sem ter como recusar o desafio, o veado aceitou o trajeto proposto pelo guaxinim, que acompanhava aquela discussão muito atentamente: a corrida seria no dia seguinte, assim que o sol nascesse. O veado e o jabuti deveriam correr seguindo a trilha que saía daquela clareira onde eles estavam e chegava até a margem do rio.

Feito o combinado, o veado-campeiro saiu saltitante e muito confiante na sua velocidade. E os outros bichos se dispersaram ainda rindo da burrice do jabuti.

Acontece que o jabuti pode ser lerdo, mas não é burro. Ele tinha um plano e para isso, assim que anoiteceu, chamou a sua numerosa família. Muitos deles, quando foram convidados, já sabiam da corrida, que virou o principal assunto da floresta, e já chegavam dispostos a dar uma bronca no jabuti que criara toda aquela confusão.

Mas o jabuti tinha um plano para vencer o veado, e foi o que contou para todos que se reuniram na clareira.



— Vamos calar a boca do veado e de todos os bichos da floresta! Ninguém mais vai rir dos jabutis, vocês vão ver!

E o jabuti expôs seu plano: todos eles se esconderiam entre as raízes e folhagens da trilha e ficariam ali até a hora da corrida. Quando ouvissem o veado chegando, deveriam sair do esconderijo e começar a correr à sua frente.

Assim, durante toda a noite o jabuti colocou um parente seu em cada curva da trilha que seguia da clareira até o rio. Quando já estava quase amanhecendo o dia, foi até o local definido para a largada da corrida.

Ali, esperou com paciência pelo veado-campeiro, que chegou mal se contendo nos cascos de vontade de correr. Mas os dois competidores ainda precisaram esperar pela chegada do juiz da corrida, que seria o guaxinim, e pelos outros bichos da mata, que àquela altura estavam muito alvoroçados para assistir à corrida.

Tudo acertado, o guaxinim deu um forte assobio e o veado disparou, enquanto o jabuti começou, sem pressa, com seu trotezinho ritmado. Sumindo na primeira curva da trilha, o veado resolveu provocar o jabuti:

— E aí, compadre jabuti, comendo muita poeira?

— Nem um pouco, compadre veado! Veja, eu já estou na sua frente! — gritou o jabuti que estava escondido na folhagem na curva seguinte.

O veado tomou um tremendo susto de ter sido ultrapassado pelo jabuti sem perceber e correu mais forte ainda.

Na curva seguinte da trilha, voltou a provocar:

— E aí, compadre jabuti, cadê você agora?! Viu quem é mais rápido?

— Ainda não vejo ninguém na minha frente! — provocou o jabuti seguinte, olhando para trás em direção ao veado, que nessa altura já trazia a língua pendurada de tanto esforço.

Inconformado por ter sido ultrapassado de novo pelo jabuti, o veado cerrou os olhos e correu como se, dessa vez, estivesse com uma onça faminta nos seus calcanhares.

— E agora, seu jabuti loroteiro? Viu quem vai ganhar essa corrida?

— Por enquanto, sou eu! — berrou o jabuti seguinte depois de sair do seu esconderijo. Ele estava à frente do veado, já quase sem fôlego.

Com os olhos esbugalhados, o veado botou ainda mais força nas canelas, ultrapassou o jabuti e já conseguia ver no final da trilha o reflexo da água do rio.

— Êia, seu lerdo, guardei o meu fôlego pro final!! Agora você não consegue me alcançar!

— Você é que não consegue me alcançar! — gritou o último jabuti, já na margem do rio, para espanto de toda a bicharada e, mais ainda, do veado, que não conseguia entender como havia perdido aquela corrida para o bicho mais lerdo da floresta. Lerdo, mas esperto...

## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Esse conto, que consagra a vitória do lento jabuti sobre o veloz veado, é conhecido por diversos povos indígenas brasileiros. Sobre ele comenta o general Couto de Magalhães, que na época do Império fez diversas navegações exploratórias pelos rios Araguaia e Tocantins e pela ilha de Marajó. Ele era um apaixonado pelos costumes e histórias indígenas e é autor de *O Selvagem* (Typographia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876), um livro que traz, além de contos e lendas, um curso de gramática da "Língua geral", falada por vários povos indígenas do país.

A mesma história, com poucas variações, é citada por Frei Luiz Palha no livro *Índios curiosos... – lendas, costumes, língua* (Rio de Janeiro, s.n., 1942) como sendo uma lenda de origem Karajá, feita com "a intenção de inculcar no jovem Karajá a ideia de que para a vitória na vida mais vale jeito e astúcia do que força e ligeireza".

O estudioso do folclore brasileiro Luís da Câmara Cascudo também a narra em *Contos tradicionais do Brasil* (Rio de Janeiro, Ediouro, 1946), bem como o historiador e crítico literário Silvio Romero no livro *Contos Populares do Brasil* (São Paulo, Landy, 2003), publicado em 1885.

# A CASA DA ONÇA E DO BODE

Um dia a onça resolveu que não queria mais essa vida de dormir em toca, cada hora em um lugar. Decidiu construir uma casa e foi procurar um lugar que fosse plano e próximo a algum rio. Não demorou a encontrar uma bela clareira e roçou o dia inteiro, até limpar de mato o espaço necessário para começar a construção no dia seguinte. Depois, foi cuidar de comer e descansar na sua fria e úmida toca.

Acontece que passava por ali um bode que também procurava um bom lugar para construir sua casa nova. E deu com o roçado feito pela onça.

— Mas que beleza! Acho que Tupã está me ajudando! Já encontrei um terreno pronto pra minha casa — pensou o bode, muito satisfeito com aquele achado. E saiu a procurar alguns galhos bem fortes para

servirem de forquilha para sua casa nova. Encontrou dois deles bem rijos, depenou-os de folhas e galhos, cavou dois buracos fundos no chão e fincou as forquilhas. Satisfeito com aquele primeiro dia de trabalho, voltou para sua velha casa, cheia de goteiras e buracos.

Quando a onça voltou na manhã seguinte, muito se admirou que as forquilhas já estivessem fincadas exatamente no lugar planejado por ela. Animada pelo andamento da obra, colocou nas forquilhas a cumeeira e as travessas e foi descansar.

O bode chegou mais tarde e, muito feliz em ver sua casa tomando forma, ajustou os caibros até deixar tudo pronto para enripar. Terminou o trabalho já de noite e foi para sua casa.



A onça voltou na manhã seguinte e ainda mais se admirou de ver como sua casa avançava rapidamente. Cortou um monte de ripas, aparou-as com cuidado, fez a armação e colocou barro nas paredes.

— Já está ficando com cara de casa! — disse, satisfeita, a onça quando terminou seu trabalho.

À tarde, o bode envarou o teto da casa e planejou: amanhã cubro o telhado de sapé e já posso dormir na minha casa nova. E se foi.

Ao chegar à clareira na manhã seguinte, a onça teve certeza de que alguém a estava ajudando a terminar a sua casa. "Melhor assim", pensou, e cobriu sua casa nova de sapé, tapando também todos os buraquinhos das paredes. Terminado o serviço, foi para a sua velha e úmida toca pegar a pele de bode que usava para dormir.

Qual não foi a surpresa da onça quando voltou e encontrou na *sua casa nova* o bode. Este, por sua vez, tomou um tremendo susto quando viu a onça entrar na *sua casa nova*.

— Dona onça! Veio conhecer minha casa nova? — perguntou o bode, tentando disfarçar o medo que sentia vendo o grande bicho na porta.

— Que nada, esta casa é minha, amigo bode! Pois fui eu que roçei o mato, botei as travessas e a cumeeira, finquei as ripas, enchi as paredes de barro e cobri a casa com sapé, ora essa!

— E quem fincou as forquilhas, botou os caibros, separou as ripas e envarou o telhado da casa? Fui eu, ora essa também!

A onça pensou: "Deixo esse bode morar aqui até ficar com fome". E propôs:

— Vamos morar juntos, compadre bode. Nada mais justo, já que nós dois construímos esta casa, não acha?

O bode aceitou, até mesmo porque não havia outro jeito, e ele não poderia enfrentar a onça. E, além disso, a sua casa nova era tão melhor que a antiga que valia a pena o risco. "Depois vou dar um jeito de tirar a onça *da minha casa*", pensou, enquanto ajeitava suas coisas o mais longe possível daquela pele... de bode que a onça usava para dormir.



— Comadre onça, já que vamos morar juntos, deixe que eu a avise. Às vezes, eu fico com um mau humor terrível. Se em algum dia eu sacudir minha barbicha e espirrar, é melhor ficar longe do meu chifre porque não estou para brincadeira — advertiu o bode.

— E eu, compadre bode, se estiver com esse couro aqui da testa franzido, fique longe porque eu viro uma fera — avisou a onça, apontando com suas unhas compridas para o local da testa que indicaria seu estado de espírito perigoso.

Em seguida a onça saiu para caçar. E resolveu assustar seu companheiro de casa, caçando e matando um grande bode. Depois, levou o bicho até a entrada da casa, jogou-o no chão e disse para o bode:

— Compadre, hoje temos uma boa comida pro jantar! Esfole e limpe esse bode para nós.

Naquela noite, só a onça comeu e dormiu. O bode nem comeu nem dormiu direito, pensando que aquele bode e o outro, que servia de cama para a onça, eram maiores do que ele... que poderia ser o próximo.

De manhã bem cedo, antes que a onça acordasse, o bode saiu para a mata, com um plano em mente.

Quando encontrou uma grande onça que descansava ao lado de uma carniça, gorda e satisfeita com o banquete, começou a juntar um



grande feixe de cipós das árvores em um local próximo a ela. Curiosa, a onça quis saber o que o bode fazia.

— E a dona onça não soube?! Vem aí uma grande inundação e todos os bichos estão se amarrando em alguma árvore bem forte pra não serem levados pelas águas. É isso o que eu estou fazendo também, porque não sou bobo! — explicou o bode, sem nem mesmo se virar para a onça, como se a inundação já estivesse chegando aos seus joelhos.

— Compadre bode, me ajude, então! — pediu a onça.

O bode ajudou a onça a escolher uma árvore bem forte.

— Esta com toda certeza resiste à inundação, isso eu asseguro — disse o bode.

A onça, então, se deixou amarrar. E logo que o bode teve certeza de que ela não poderia mais escapar, matou o bicho jogando uma pedra na sua cabeça. Depois, arrastou a imensa onça até a porta *da sua casa*.

— Hoje quem trouxe o jantar fui eu, amiga onça! E depois vou usar esse couro como tapete. Vai deixar a nossa casa ainda mais bonita, não acha?

É claro que a onça ficou muito assustada de ver o que aquele bode era capaz de fazer. E foi dormir, sem nenhuma fome. Mas não conseguiu pregar o olho, com medo do bode... Este fingia que dormia e roncava satisfeito, mas a verdade é que o bode também não conseguia fechar os olhos, com medo da onça...

Na manhã seguinte, depois da noite maldormida, o bode se levantou, olhou para a onça, e ela estava com a testa franzida. Aquilo era um mau sinal. Por sua vez, a onça olhou para o bode, que sacudia as barbichas de um modo nervoso. Até que arregalou os olhos, encheu os pulmões e espirrou com força. Imediatamente, a onça se lembrou do aviso do bode e pulou a janela, disparando para longe daquele bode tão perigoso. E ela escapou da *sua casa nova* tão ligeira que não

pôde ver o bode saltando da outra janela da *sua casa nova* e fugindo em louca disparada para bem longe daquela onça tão perigosa...

E foi assim que aquela bela casa na clareira, novinha em folha, foi abandonada depois de apenas um dia de uso!

## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Esse conto indígena foi compilado por Silvio Romero em alguma região não identificada de Sergipe, o que explica a presença do bode, um animal de criação trazido pelos europeus e que se adaptou muito bem ao clima seco da região Nordeste.

O processo de construção de uma casa de barro, descrito com detalhes nessa história divertida de dois moradores que morrem de medo um do outro, também reproduz o tipo de construção mais comum naquela região no século 19, quando *Contos populares do Brasil* (São Paulo, Landy, 2003) foi publicado pela primeira vez.

Há também uma versão dessa história reproduzida por Couto de Magalhães em *O Selvagem* (Typographia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876), na qual o bode é substituído pelo veado. Este, para conseguir matar uma onça, faz intriga desta com o tamanduá, que se vinga dando na fera seu abraço mortal.

# A DISPUTA DA ONÇA E DA ARAPONGA

A onça ensinava seus filhotes a urrarem com toda a força dos pulmões e aquele treinamento estava mexendo com os nervos da bicharada. Ninguém conseguia dormir nem se sentir tranquilo ouvindo aqueles urros potentes que ecoavam pela mata. E a araponga resolveu dar um jeito naquilo.

Para isso, o pássaro lançou um desafio para a onça: venceria aquele que gritasse mais forte e, dessa forma, assustasse o outro. O perdedor que fosse berrar em outro lugar.

Sem pensar duas vezes na proposta, a onça desatou a urrar com toda sua força, certa de que faria aquele pássaro atrevido disparar dali apenas com a cara feia que fazia quando urrava com força. Seu urro foi tão forte que balançou até a copa das árvores e deixou os bichos ainda mais preocupados. Talvez aquela aposta ridícula estivesse deixando a onça ainda mais brava — e onça brava com filhote era o que ninguém queria ter por perto...

Mas a araponga resistiu bravamente, enquanto a onça urrava quase nos seus ouvidos, com os dentes afiados à mostra e um bafo de carniça terrível. Fingindo valentia, a araponga permaneceu sem mexer uma pena sequer até que a onça se cansasse de tanto urrar.

— Agora é a minha vez. A comadre onça aguente firme até o fim — disse, calmamente, o pássaro.



Fechando os olhos, a araponga começou a fazer uma série de sons metálicos, como só ela sabe fazer. Mas em vez de gritar bem alto, o som que ela produzia com o bico saía bem baixinho. Parecia um ferreiro martelando uma superfície de ferro com muito cuidado para não amassá-la. Era tão suave e monótono o canto da araponga que a onça começou a ficar com sono. Em pouco tempo, já estava cochilando.

Quando a araponga viu a onça completamente ferrada no sono, aproximou seu bico do ouvido da onça e soltou um grito estridente com toda a força. Foi uma pancada de som tão forte, mas tão forte, que a onça saiu em disparada, como se o mundo estivesse desabando sobre ela. E os seus filhotinhos, gemendo assustados, dispararam atrás da mamãe-onça.

É por isso, dizem, que até hoje a onça fica nervosa toda vez que ouve a pancada metálica da araponga.



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Esse conto bem que poderia ter surgido na cabeça de algum índio que acordou assustadíssimo com o grito de uma araponga no seu ouvido! De fato, o som que esta ave emite costuma ser comparado ao trabalho de um ferreiro batendo com seu martelo em uma bigorna para trabalhar o metal.

O fato de a araponga usar várias intensidades de som motivou o criador dessa história a imaginar essa característica como tática para ninar a onça e, em seguida, assustá-la. A história foi coletada pelo Visconde de Taunay, que era militar, historiador e escritor e assinou-a com o pseudônimo de Silvio Dinarte. Ela aparece no *Dicionário dos animais do Brasil*, de Rodolpho Von Ihering (Difel, Rio de Janeiro, 2002).



# O MAU CHEIRO DO GAMBÁ

Antigamente o gambá não era um bicho fedorento. Dizem que ele só ficou assim depois de uma pescaria malsucedida. Querem saber como foi?

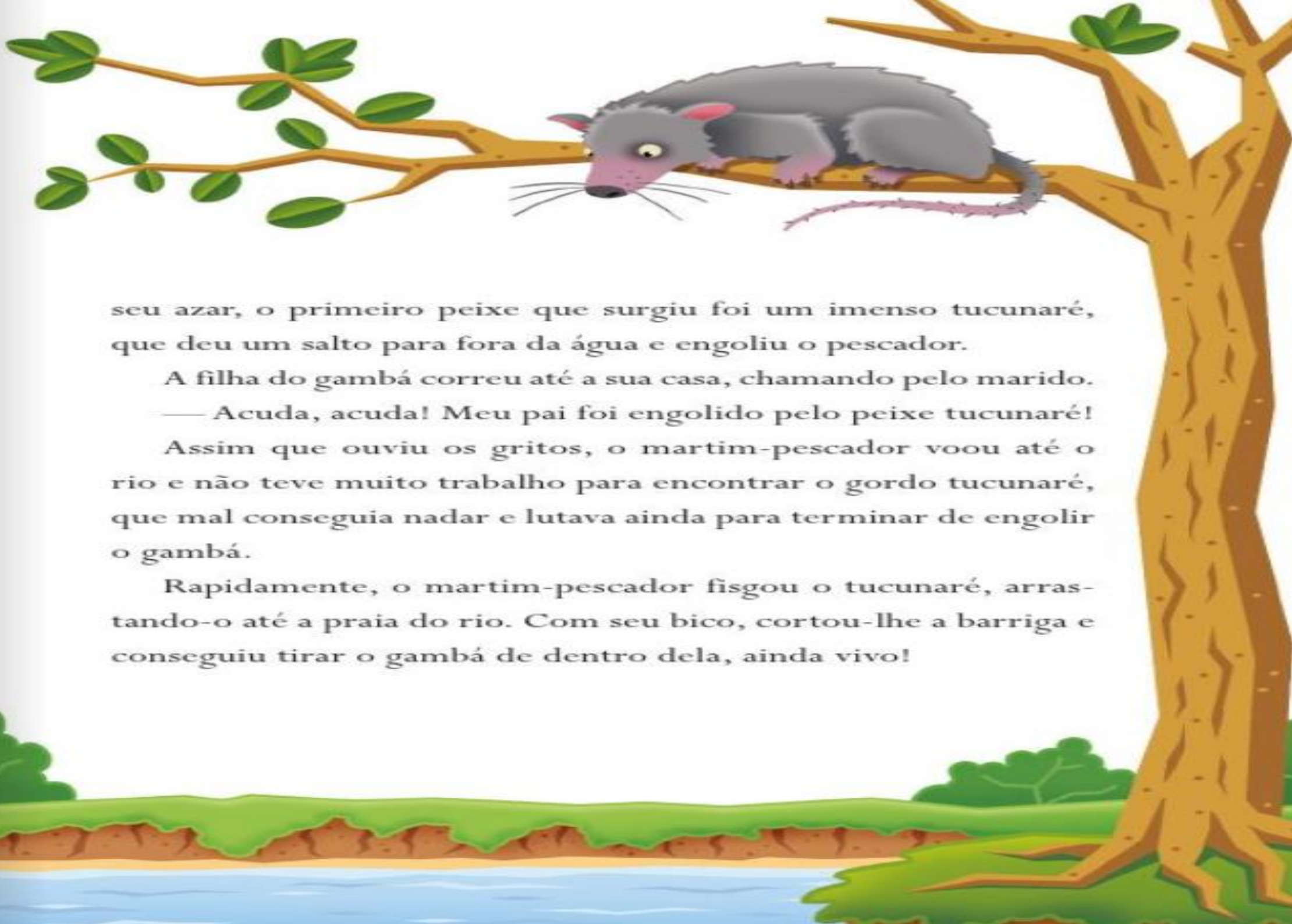
O gambá tinha uma filha, que era casada com o martim-pescador. E o velho gambá sempre se admirava com a rapidez com que o pássaro pescava: ele ia para o rio e, pouco tempo depois, já trazia um belo peixe no bico.

— Minha filha, como seu marido pesca? — quis saber, um dia, o gambá.

— Como há de ser, meu pai? Ele fica em cima de um galho sobre o rio e, quando vê o peixe, fisga com seu bico — respondeu a filha.

O gambá resolveu tentar essa forma de pescaria e lá foi para o rio, acompanhado da filha.

Mas aquele era um jeito diferente de pescar, e o gambá não estava acostumado a se equilibrar em cima de um galho sobre o rio. E, para



seu azar, o primeiro peixe que surgiu foi um imenso tucunaré, que deu um salto para fora da água e engoliu o pescador.

A filha do gambá correu até a sua casa, chamando pelo marido.

— Acuda, acuda! Meu pai foi engolido pelo peixe tucunaré!

Assim que ouviu os gritos, o martim-pescador voou até o rio e não teve muito trabalho para encontrar o gordo tucunaré, que mal conseguia nadar e lutava ainda para terminar de engolir o gambá.

Rapidamente, o martim-pescador fisgou o tucunaré, arrastando-o até a praia do rio. Com seu bico, cortou-lhe a barriga e conseguiu tirar o gambá de dentro dela, ainda vivo!

Se o gambá não morreu nessa desastrosa pescaria, levaria a lembrança daquele episódio para sempre. Primeiro na aparência, que ficou prejudicada: como seu rabo foi passado pelos dentes do tucunaré, ficou daquele jeito esquisito, quase sem pelos. Mas isso não foi pior do que outra mudança, essa terrível: tendo ficado dentro da barriga de um peixe que só come carne (e muita carne...), o infeliz gambá saiu daquelas vísceras com um cheiro tão ruim, mas tão ruim, que nenhum bicho da floresta consegue ficar do seu lado.

## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Uma versão desse conto, que tenta explicar o mau cheiro do gambá pelo fato de este ter permanecido por algum tempo dentro da barriga de um peixe, encontra-se publicada no livro *Lendas dos nossos índios*, de Clemente Brandenburger (Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1931), com o título "O gambá e o ariramba".

Ararimba e pica-peixe são outros nomes do pássaro martim-pescador, que teve seu método de pesca muito bem retratado nessa história, que ainda encontra explicação para o rabo pelado tão característico dos gambás.

# A ONÇA E A CUTIA

Só quem já se meteu em um mato cheio de cansanção sabe o quanto essa planta faz coçar quando se esbarra nela. Acontece que a onça tinha um terreno onde queria plantar, mas ele estava tomado pela praga da cansanção.

Então, chamou a bicharada e fez uma proposta:

— Eu dou um boi para aquele que conseguir capinar essa minha roça sem se coçar!

O macaco logo quis tentar. Mas, assim que começou a cortar o mato, já estava se coçando todo. A onça pediu outro cortador. Veio o gato-do-mato, roçou um bocadinho e também saiu se coçando. A jaguatirica, que estava muito interessada no boi de prêmio, bem que tentou, mas não conseguiu resistir e também se coçou.



Por fim, se apresentou a cutia.

Como a onça já estava cansada de vigiar os bichos para ver se algum deles se coçava, deixou a tarefa para seu filho, recomendando que despedisse a cutia assim que ela se coçasse.

A cutia seguiu capinando, até que não aguentou mais de vontade de se coçar. Aquela plantinha era mesmo terrível!

— Ô menino-onça, me diga uma coisa: esse boi que eu vou ganhar é malhado aqui nas costas, bem desse lado? — perguntou a cutia, aproveitando para se coçar exatamente naquele lugar.

O filhote da onça, que não era muito esperto, respondeu que sim. Mais um pouco de roça, mais vontade de se coçar, e a cutia voltou a perguntar:

— Ô, menino-onça, esse boi também tem uma mancha bem aqui embaixo, perto da perna?

O filhote da onça achou que era ali mesmo e confirmou. E assim, perguntando das manchas do boi malhado da onça, a cutia conseguiu livrar o terreno da praga da cansanção.

Com seu terreno inteiramente limpo, a onça trouxe o boi, conforme o combinado. Mas impôs uma condição para a cutia:

— Você só pode matar esse boi num lugar longe daqui, que não tenha mais mosquito nem se escute canto de galo.

A cutia saiu satisfeita com seu prêmio. Andou um pouco e se preparou para sacrificar o animal. Mas ouviu um galo cantar ao longe e resolveu andar mais. Mais adiante, parou, se preparou, mas ouviu um zumbido de mosquito e resolveu seguir adiante, para não arranjar nenhuma encrenca com a onça.

Depois do rio, conferiu que não havia mais mosquito nem canto de galo e matou o boi. E justo no instante em que se preparava para saborear o primeiro pedaço, surgiu a onça:

— Amiga cutia, me dê um pouco dessa carne, que parece tanta para alguém tão miúdo — pediu.

A cutia não pôde recusar. E não recusou quando a onça pediu mais um pedaço, e mais outro, até que tivesse comido o boi inteiro.

A cutia voltou para casa muito contrariada, pensando em um jeito de se vingar da onça.

Prestou atenção nos caminhos que ela fazia na floresta e, uma tarde, pôs-se a recolher bastante cipó bem no caminho onde a onça costumava passar. Vendo aquela trabalheira toda da cutia, a fera quis saber o motivo.

— A onça não sabe?! Ora, deve ser o último bicho da floresta que não sabe da Grande Ventania de Tupã!

— Mas que ventania é essa, amiga cutia?

— O que todos estão dizendo é que Tupã vai castigar os bichos da Terra mandando uma ventania como nunca se viu por esses lados. E os bichos sem asas que não querem sair voando estão cuidando de se amarrar muito bem. É o que vou fazer também!

A onça tanto insistiu que a cutia aceitou amarrá-la antes que a tal ventania de Tupã chegasse. Foi o que a cutia fez. Depois, foi-se embora, rindo da estupidez da onça.

A onça ficou ali, presa ao tronco da árvore, a tarde inteira. Como não veio nenhuma Grande Ventania de Tupã, pediu ao macaco, que passava por ali, que a desamarrasse.

— Eu é que não faço isso! E que Tupã ajude quem a prendeu desse jeito — disse o macaco.

Em seguida, passou por ali o gato-do-mato, que nem pensou em ajudar a onça. Depois, a jaguatirica, que riu da situação da onça e também não quis ajudá-la.



No dia seguinte, a cutia foi conferir se a onça ainda estava presa. E a encontrou do mesmo jeito, só que bem mais cansada.

Para tentar escapar daquela situação vergonhosa para o bicho mais temido da floresta, a onça resolveu fingir que ainda acreditava na história da ventania inventada pela cutia. E disse, com a voz mais calma que conseguiu arranjar:

— Amiga cutia, que roçou meu terreno, que dividiu comigo seu boi, que foi tão gentil me amarrando aqui na árvore, eu acho que Tupã desistiu da ventania... Já fiquei bastante tempo aqui, pode me desamarrar agora — pediu.

A cutia se aproximou, cautelosamente. "Acho que o castigo já foi suficiente", pensou. E com dó da pouca inteligência da onça, começou a desatar os nós que a prendiam ao tronco, sempre de olho na reação da fera.

Mas, assim que se viu livre, a onça saltou para cima da cutia, que rapidamente se enfiou em um buraco ao pé da árvore. Enfiando na toca a sua pata de unhas afiadas, a onça conseguiu agarrar a perna da cutia.

— Ih! Ih! Ih! Este aí é um pedaço de raiz! Não é a minha perna — riu a cutia.

A onça largou a perna da cutia e procurou ao redor, agarrando dessa vez a raiz da árvore. A cutia riu de novo:

— Essa é que é a raiz da árvore, sua estúpida! A minha perna era aquela mesmo! Ih! Ih! Ih! — riu, novamente, a cutia.

Aquilo deixou a onça ainda mais raivosa. Olhando em volta, viu uma garça pousada ali perto. E avisou:

— Vigie essa toca, não deixe essa cutia sair daqui! Vou buscar o amigo tatu pra cavar esse buraco.

E assim a onça fez. Quando a cutia percebeu que estava sozinha com a garça, chamou-a:

— Dona garça, acho melhor me vigiar mais de perto, com o olho aqui no buraco, senão eu posso fugir — avisou a cutia.



A garça se aproximou, arregalou os olhos na entrada do buraco para tentar enxergar lá dentro. Assim que viu os olhos da garça próximos dela, a cutia jogou um punhado de areia nos olhos do pássaro e conseguiu escapar dali.

Quando a onça chegou com o tatu, não encontrou nem a cutia nem a garça, que achou melhor voar para longe daquela confusão. Urrou de raiva e jurou não descansar enquanto não pegasse aquela cutia atrevida.

Dizem que desde esse dia a onça corre atrás da cutia sem descanso. E que também foi depois dessa briga que a cutia se tornaria um bichinho assustado, que não para de olhar para todos os lados, como se estivesse sempre fugindo de alguma onça brava.



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

A versão que orientou esse reconto encontra-se publicada no livro *Lendas dos nossos índios*, de Clemente Brandenburger (Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1931). Mas alguns animais foram trocados no reconto, que originalmente traz o macaco, o veado e o bode. Sendo esses dois últimos animais estritamente herbívoros, pareceu-nos mais adequado que a jaguatirica e o gato-do-mato fizessem, depois do macaco, suas tentativas de limpar o terreno para ganhar um boi de presente.

A artimanha usada nessa história pela cutia para enganar a onça, dizendo que esta pegou a raiz da árvore e não a sua perna, também aparece no conto "A vingança do jabuti", presente nesta coletânea. Só que neste conto o jabuti ilude a onça dizendo que o que foi agarrado pela garra foi a sua flauta.

A forma pela qual a cutia ilude a onça, mentindo sobre a chegada de uma ventania muito forte, também se repete no conto "A casa da onça e do bode". A primeira história foi coletada na região Centro-Oeste do Brasil, e a segunda na região Nordeste. São locais diferentes, com roupagens e personagens diversos, mas as duas histórias trazem ensinamentos semelhantes.



# A ORIGEM DO RIO AMAZONAS

Houve um tempo, muito distante, em que o Sol se apaixonou pela Lua. E quis se casar com ela.

Mas era uma paixão impossível. Se o Sol se juntasse à Lua, a vida aqui na Terra seria destruída. O calor do Sol queimaria o mundo. O fogo evaporaria a água. O dia e a noite se misturariam.

O Sol não pode se casar com a Lua, decidiu o deus Tupã. E os dois astros foram condenados a ficar em cantos opostos no Céu, se vendo apenas de muito longe.

A Lua chorou por muitos e muitos dias. E suas lágrimas formaram uma grande cascata que escorreu até a terra, fazendo um rio até o mar.

Mas o mar não quis receber aquela água das lágrimas da Lua. Embraveceu e se levantou, empurrando o rio de lágrimas correnteza acima até quando suas forças aguentaram. Daí, foi a vez de o rio empurrar o mar.

Foi assim, dizem, que surgiu o grande rio Amazonas, que ora corre para cima, ora para baixo, repetindo a antiga luta do mar contra o rio de lágrimas da Lua, para sempre impedida de se juntar ao Sol.

## ORIGEM DA HISTÓRIA:

A poética narrativa, que tenta explicar o surgimento do grande rio que corta a Floresta Amazônica a partir do choro da Lua, se encontra reproduzida, de forma muito semelhante, em duas publicações do século XIX: *Poranduba amazonense*, de João Barbosa Rodrigues (Editora Cem Bibliófilos, Rio de Janeiro, 1961), e *Antologia do folclore brasileiro*, de Luis da Câmara Cascudo (Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954), para quem "esta lenda alude ao cataclismo que originou o vale do Amazonas e o levantamento dos Andes".

Já o desfecho do conto, que mostra a briga entre o mar e o rio, se refere à pororoca, um fenômeno natural que provoca grandes ondas e que acontece na foz do rio Amazonas quando suas águas se encontram com as do Oceano Atlântico. A principal explicação para a pororoca é a influência das fases da Lua, o que tem tudo a ver com essa bonita história.

# O MAGUARI E O SONO

O pássaro maguari, que em alguns lugares da Amazônia também é conhecido como cauauã, resolveu matar o sono, para nunca mais precisar dormir. Para isso, decidiu-se esperar pelo sono pacientemente pousado em um galho de árvore.

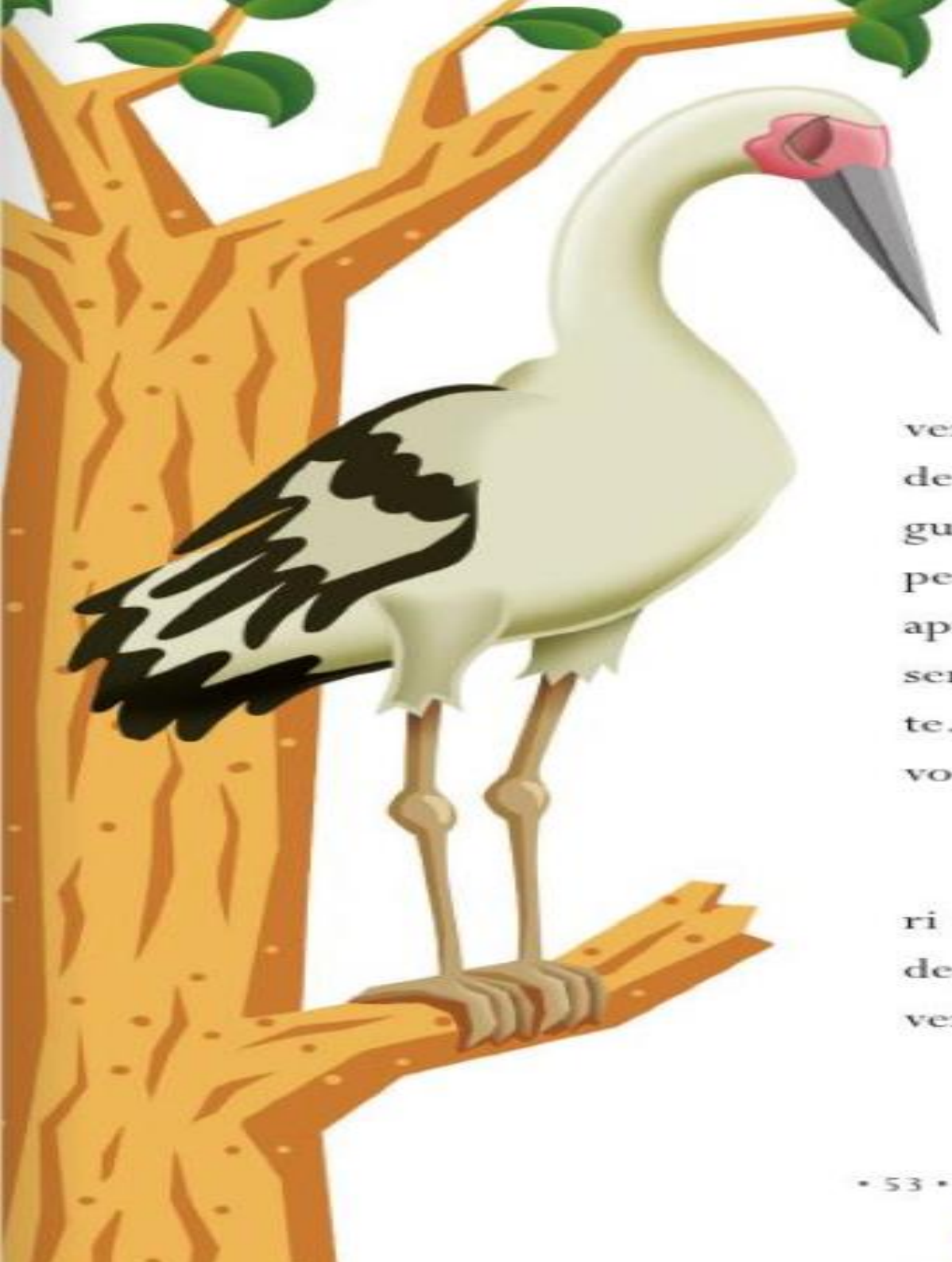
"Quando o sono vier, pego ele no bico", pensou.

O maguari esperou, esperou, esperou. Até que viu uma sombra escura se aproximando. Deixou que se aproximasse mais para pegá-la. Esperou. Esperou. Até que, sem perceber, caiu no sono e acordou assustado, batendo as asas e gritando:

— Cuá! Cuá! Cuá!!!

Pousando em outro galho, disse para si mesmo:

— Puxa, eu não percebi o momento em que cochilei! Mas agora eu vou ficar bem acordado e matar o sono — prometeu o maguari, arregalando seus olhos o mais que podia.



Z Z Z

E assim, bem acordado desta vez, esperou pelo sono, que não demorou muito e surgiu. O maguari ficou imóvel, de tocaia, esperando que o vulto escuro se aproximasse para bicá-lo. Até que, sem perceber, dormiu novamente. E acordou de novo assustado, voando e berrando:

— Cuá! Cuá! Cuá!!!

E, dizem, até hoje o maguari continua acordando assustado, depois de perceber que mais uma vez foi enganado pelo sono...

## ORIGEM DA HISTÓRIA:

O maguari é um ave pernalta, parecida com uma cegonha, e que também é conhecida como cauauã ou cauauá. Esse nome, por sinal, reproduz o som emitido pela ave no conto ao despertar assustada, sempre enganada pelo sono. A história foi narrada por João Barbosa Rodrigues no livro *Poranduba Amazonense* (Editora Cem Bibliófilos, Rio de Janeiro, 1961) e também pelo historiador e folclorista Carlos Teschauer no livro *Avifauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas* (Editora da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1925).

Botânico especializado em orquídeas brasileiras, João Barbosa foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro por 19 anos. Seu livro sobre a Amazônia, no qual estão presentes algumas lendas e contos indígenas, é resultado de sua participação em uma missão científica organizada pelo governo imperial que entre 1872 e 1875 percorreu aquela região.

# A VINGANÇA DO JABUTI

O jabuti conseguiu caçar uma anta e começou a berrar, chamando seus colegas:

— Amigos, venham! Hoje tem caça grande!!

A onça, que andava por ali, chegou primeiro que a turma de jabutis. E se ofereceu para cortar a carne.

— Ótimo, amiga onça, parta essa anta que acabei de caçar em alguns bons pedaços e fique com um para você enquanto vou chamar meus amigos para a festa — respondeu o jabuti.

Mas assim que ele se virou, a onça abocanhou a anta e sumiu com ela no mato.

— Deixe estar que eu me vingo de você! — prometeu o jabuti ao perceber que não tinha mais sua caça grande.

Com fome, o jabuti andou pela mata à procura de alguma comida. E deu com algumas cascas de castanha-de-macaco no chão. Olhando para cima, viu um macaco trepado na grande castanheira.

— Amigo macaco, mande algumas dessas castanhas para cá, que hoje eu não comi nada — pediu o jabuti.

— Pois suba você, jabuti! Ou não consegue trepar em árvore?

— Até que consigo, mas hoje estou muito cansado.

— O que eu posso fazer é pegá-lo aí embaixo e trazer até aqui. Daí o amigo come o quanto quiser — propôs o macaco.

O jabuti aceitou o combinado e logo estava se fartando de comer em cima da árvore. Mas, quando ficou de barriga cheia e quis descer, percebeu que o macaco já não estava ali.

O pobre jabuti ficou dois dias na castanheira, sem ter como descer, esperando uma oportunidade.

Até que apareceu a onça, justo aquela que roubara sua anta!

— Jabuti, o que faz pendurado nessa árvore? — quis saber a onça.

— Vim comer umas frutas, mas já estou indo embora. E a amiga chegou em boa hora. Poderia me segurar aí embaixo com sua boca? — pediu o jabuti do alto da castanheira.



A onça, que já estava com fome, lambeu os beiços e aceitou na hora a proposta do jabuti. Ficou junto ao tronco da árvore com a boca aberta, como o jabuti havia pedido. "Que sorte a minha, ainda vou ganhar a comida na boca", pensou satisfeita a onça.

Mas o jabuti tinha um plano para sair daquela situação. E tudo estava dando certo. Tomando impulso e mirando bem no focinho da onça, saltou da frondosa árvore com suas costas duras viradas para baixo. A batida foi tão forte que matou a onça.



Orgulhoso de sua vitória sobre o bicho mais forte da floresta, o jabuti esperou que a onça apodrecesse e com o osso de sua canela fez uma flauta. E saiu pela floresta tocando e dizendo para todos que sua flauta era feita da canela da onça que ele próprio matou.

Não demorou muito para que outra onça fosse atrás do jabuti tirar a limpo aquela história que andava correndo pela mata.

— Que nada, amiga onça, essa flauta soa tão bem assim porque foi feita da canela de um veado — desmentiu o jabuti.

— Não foi o que me disseram — desconfiou a onça.

— Então disseram errado! Se fosse de onça, não soaria tão bem assim. Quer ouvir? Sente-se naquele tronco, um pouco mais longe, que a amiga vai conseguir escutar melhor o som da minha flauta — propôs o jabuti, enquanto olhava para os cantos tentando encontrar algum buraco para escapar.

Quando a onça ficou no lugar pedido, o jabuti soprou uma musiquinha curta e gritou:

— A minha flauta toca bem assim porque é feita de canela de onça, sim!! — berrou o jabuti, se escondendo no buraco antes que a onça o pegasse. Mas esta conseguiu agarrar a pata do jabuti, que disse:

— Ei, solta a minha flauta!

A onça largou a perna do jabuti, que riu:

— Aquela não era a minha flauta, era a minha perna! — disse o jabuti, rindo de novo.

E ali ficou, o dia inteiro, tocando sua flauta de canela de onça, até que a onça fora do buraco se cansasse de tanto esperar e fosse atrás de uma caça mais fácil.



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Reescrito a partir de uma narrativa publicada no livro *Lendas dos nossos índios*, de Clemente Brandenburger (Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1931), esse conto faz referência a um costume de índios brasileiros que praticavam a antropofagia. Matar e devorar um inimigo preso em combate, se ele fosse corajoso e forte, era uma forma ritualística de ficar com a sua valentia, acreditavam os Tupinambá. E fazer uma flauta do osso de sua canela, uma forma (meio sinistra) de homenagem...

Essa história é confirmada pelo inglês Anthony Knivet, que esteve na costa brasileira embarcado no navio do pirata Thomas Cavendish na última década do século XVI. Em seu livro *Vária Fortuna e Estranhos Fados de Anthony Knivet* (Brasiliense, São Paulo, 1947) ele confirma o costume indígena, tal como o jabuti fez com a onça: "Os indígenas ainda usavam dentes de paca para provocar sangrias, ossos de animais ou mesmo de inimigos mortos para confeccionar flautas". Mas só os corajosos tinham a honra de serem devorados e transformados em flauta; os medrosos, de jeito nenhum!

# A ONÇA E O FOGO

Dizem que antigamente o único bicho da floresta que controlava o fogo era a onça. Naquele tempo, ela só gostava de comer carne assada.

A onça guardava a brasa de sua fogueira no fundo da toca, sempre cuidadosa para que uma lufada de vento mais forte ou a chuva não apagassem o fogo recebido de sua mãe-onça. Era o mesmo fogo que sua mãe recebera da avó-onça, que havia recebido da bisavó-onça, e esta da trisavó-onça, e assim por diante. O segredo do fogo estava com a família das onças havia muitas gerações e era o seu maior orgulho.

Já os outros bichos se preocupavam com tamanho poder da onça, que estava se tornando mesmo a rainha da floresta. Ela tinha os músculos mais fortes entre todos, os dentes mais afiados, um faro que sentia o cheiro dos bichos de longe, sabia pular, sabia nadar e, além de tudo isso, era o único dali que sabia controlar o fogo!

A onça era praticamente invencível, e isso começou a preocupar os outros bichos da floresta. Até que dois deles, o coelho-do-mato e o sapo, resolveram agir.

Um dia, a onça decidiu sair cedo para caçar. E assim que ela desapareceu no meio da mata, o coelho chamou o sapo:

— Amigo sapo, agora é a nossa chance! Vamos pegar o fogo da onça?



Mesmo com medo, o sapo concordou com a ideia bastante arriscada do coelho. Só de entrar na caverna escura da onça os dois ficaram com calafrio!

Lá no fundo, protegida do vento, a fogueira da onça ardia. Com a ajuda de um pedaço de osso deixado por ali, o coelho e o sapo recolheram a fogueira em uma grande casca de bananeira, jogaram areia nas brasas que sobraram e trataram de sair correndo dali.

Mas, logo na entrada, ouviram a cigarra avisar:

— Dona onça, dona onça, acuda!! Estão levando embora o seu fogo! Volte, dona onça!!

O coelho e o sapo saíram dali em disparada e escaparam por pouco da chegada da onça, que já vinha babando de raiva.

A onça foi direto até o fundo da caverna e não encontrou mais a sua fogueira. Urrou de fúria e correu até a cigarra:

— Por que você não me avisou antes? Eu deveria matá-la, mas não vou fazer isso se você me disser quem foi que roubou o meu fogo — ameaçou a onça, quase engolindo a pobre cigarra. Mas esta sabia muito bem que não era comida de onça e era das poucas que se arriscavam a ficar perto dela.

— Amiga onça, eu vim ao mundo para cantar e não estou nem aí pra esse fogo. E não consigo entender por que a comadre não come

carne crua, como todos os outros bichos. Mas, se você faz questão de saber quem foi, eu digo. Foram dois os ladrões do seu fogo: o coelho e o sapo. E os dois saíram daqui pulando e rindo, um pouquinho antes de a amiga chegar.

— O coelho? O sapo? Eles me pagam! E pra onde foram? — rugiu a onça.

— Para os lados do rio — apontou a cigarra.

A onça disparou para lá. Quando se aproximou da margem, viu o coelho e o sapo na praia, soprando com cuidado a tão preciosa fogueira da onça. Dando um grande salto e um urro furioso, por pouco que a onça não pega os ladrões de seu fogo. Mas cada um conseguiu escapar para um lado, o coelho debaixo da pedra, o sapo no rio.

Na confusão, a fogueira quase se apagou, restando apenas uma pequenina brasa, que a onça cuidou de assoprar para que voltasse a se tornar chama. Quando a fogueira ressurgiu, ela berrou bem alto:

— Vocês querem o fogo? Os bichos querem o fogo? Pois vão ter! Vou incendiar toda a floresta!

Foi uma tremenda confusão. Uma onça furiosa já mete medo em muito bicho. Mas uma onça furiosa ameaçando incendiar a floresta inteira dava mais medo ainda, e cada bicho tratou de escapar dali o mais rápido possível.

Só um não saiu correndo. Em vez disso, o tamanduá combinou com seu amigo sagui que subisse na árvore para ajudá-lo a controlar a fúria da onça. Quando esta chegou perto, urrando que iria incendiar a floresta inteira, o tamanduá a cumprimentou, todo contente, como se não tivesse percebido nada:

— Amiga onça, que bom encontrá-la! Justo agora, que eu estava procurando alguém pra brincar de "jogo dos olhos"! Você não quer brincar comigo?

A onça, que adorava uma novidade, se interessou por aquela e, por um momento, até se esqueceu da raiva:

— "Jogo dos olhos"? Eu não conheço! Como é isso?



— É uma competição: nós dois tiramos ao mesmo tempo os nossos olhos e os jogamos para cima. Quem apanhar os seus primeiro e colocá-los de volta é o vencedor. Quer ver quem ganha? Mas eu já aviso a amiga que sou muito bom nesse jogo — provocou o tamanduá.

A onça, que era muito competitiva, aceitou o desafio na hora. Desta forma, o tamanduá e a onça tiraram seus olhos e os jogaram para o alto da árvore onde estava o sagui. Este, que era bastante esperto e entendeu o plano do tamanduá, não teve dúvidas: deixou cair os olhos do tamanduá, mas ficou com os da onça, que deixou no alto da árvore enquanto tratava de sair dali rapidinho. O mesmo fez o tamanduá assim que colocou novamente seus olhos.

Já a onça tateava e não encontrava os seus. Esperou, chamou pelo tamanduá, até perceber a trapaça. Urrou e urrou, se machucando toda ao tentar escalar a árvore em busca da visão perdida naquela aposta estúpida.

Por alguns dias a onça cega andou esbarrando em árvores, se embrenhando no meio dos cipós e tropeçando nas pedras, até que conseguisse encontrar o pássaro macuco, que tinha fama de ser excelente médico.

O macuco, que já ouvira toda a história contada pelo sagui, e sabia das intenções da onça de se vingar dos bichos tocando fogo na floresta, disse para sua paciente:

— Fazer dois olhos novos, iguais aos de antigamente, eu não consigo. Mas acho que consigo fazer um par de olhos novos com a água pura da fonte que tenho aqui.

— O que eu preciso é voltar a enxergar, doutor macuco. E daí, vou me vingar daqueles dois! E recuperar o meu fogo! — respondeu a onça.

O macuco, que era mesmo muito habilidoso, conseguiu fazer um par de olhos novos para a onça, que rapidamente os colocou de volta ao rosto.





Voltando a enxergar, a onça olhou em volta, mas não encontrou o macuco, que por segurança voara até uma árvore bem alta. De lá, ele perguntou:

— Está conseguindo enxergar de novo, dona onça?

— Estou, mas não como antes. Será que é porque ainda não me acostumei com eles?

— Acho que sim. Você vai conseguir voltar a ver como antigamente — garantiu o macuco.

— Ótimo, então vou atrás do fogo de novo!

— Isso é que não, dona onça! Os seus olhos foram feitos de água da fonte e não suportariam o calor do fogo. Toda vez que a amiga onça se aproximar do fogo ou de qualquer braseiro, corre o risco de ficar cega de novo. E, se a água dos seus olhos evaporar, ficará cega para sempre — advertiu o macuco.

De nada adiantou a onça urrar de raiva do macuco, do coelho, do sapo e da cigarra. Ela nunca mais poderia se aproximar novamente do fogo, se não quisesse ficar cega.

E foi assim que, a partir daquele dia, o fogo passou a ser o pior inimigo da onça. E ainda é, até os dias de hoje. Tanto que quando os homens aprenderam a arte de dominar o fogo, descobriram que este era o jeito mais seguro de manter as perigosas onças bem afastadas de suas aldeias.



## ORIGEM DA HISTÓRIA:

Apresentada pelo escritor de livros juvenis e historiador Hernâni Donato em um livro publicado em 1961 (*Histórias dos Meninos Índios* – Editora Melhoramentos), essa história recebeu o título "Quando os bichos eram gente". Foi apresentada pelo pesquisador como sendo, em sua origem, um tema dos índios Guarani-Kaiowá, que vivem na região Centro-Oeste do Brasil.

Hernâni Donato, que foi autor de dezenas de livros para crianças e jovens, era tão fascinado pela história dos índios que abandonou um curso de Sociologia da USP na década de 1940 para participar de uma expedição científica que buscou refazer uma antiga rota indígena que saía da costa em direção ao Paraguai, o Caminho Peabiru, que em tupi significa "caminho da grama amassada". No trajeto, deve ter topado com essa bela história sobre um tema fascinante, o domínio do fogo pelos homens – ou pela onça...

# AUTOR E OBRA



Sempre gostei de ouvir histórias, mesmo antes de aprender a ler. E, para a minha sorte, sempre tive perto de mim ótimos contadores de histórias, a começar pela minha mãe, de quem peguei também o gosto pela leitura. Outra boa contadora de histórias da minha infância foi uma tia-avó chamada Zilda. Ela era professora na cidade de Itu, interior de São Paulo, onde eu e meus irmãos passávamos parte das nossas férias. A outra parte das férias era passada na cidade vizinha de Salto, onde meu avô tinha um sítio. Era lá que eu misturava as histórias ouvidas de tia Zilda com outras que inventava enquanto comia goiaba e pitanga no pé. Naquele tempo, nos anos 1960, eu ainda dependia dos outros para conhecer histórias novas, já que ainda não sabia ler.

Mais tarde, descobri que também gostava de escrever as minhas histórias. E passei a me encantar, cada vez mais, com a arte de escolher as palavras certas e a atitude, meio intuitiva, de perseguir um certo jeito de encadear as cenas e os personagens para que uma história começasse a ser contada até que... ela passasse a se contar quase sozinha!

Essa é a experiência da escrita, para mim: uma criação que é fruto do instante, mesmo que tenha sido planejada com muita atenção antes de começar a existir. O que as histórias mais precisam é de um bom começo. Depois dele, podem surgir muitas coisas, é só você experimentar para também descobrir isso.

Como sempre gostei de ler e escrever, acabei me tornando jornalista profissional, editando revistas para adolescentes, para supercuriosos, para professores, para fanáticos por computador, barco, viagens etc. Mas continuava escrevendo as minhas próprias histórias, sempre curtas, que ficavam na gaveta (ou, mais tarde, em alguns arquivos do meu computador). Até que, um dia, quis misturar duas delas, curioso para descobrir se juntas renderiam uma história mais longa. Vi que funcionava; trabalhei naquilo com muito gosto, nos intervalos entre outros textos jornalísticos, ao longo de um ano. Aos poucos, percebi que estava escrevendo um romance, que finalmente acabou de ser escrito e foi publicado, em 2011, com o título de *A Fala do Céu* (Editora Global). Sou grato a ele por me mostrar um universo inteiramente inventado e que eu trazia dentro de mim há muito tempo, e sem saber disso!

A experiência seguinte como autor de ficção foi escrever *Uma cor só minha: o diário de um daltônico*. Neste livro infantil, lindamente ilustrado pela Anna Anjos, um menino chamado Chico descobre que é daltônico, ou seja, que as cores que ele vê não são as mesmas que as outras crianças enxergam. E que ser diferente pode ser ruim ou bom, dependendo da forma como essa diferença é vista ou sentida. Ele foi publicado em 2011 pela Editora Moderna.

Continuo trabalhando como jornalista e escrevendo minhas histórias. Algumas eu ensaio antes, contando-as para minha filha, Luisa, que tem 5 anos e ainda não sabe ler, mas que tem a sorte de ter um contador de histórias na sua casa. Um não, dois; porque a Renata, com quem eu sou casado há dez anos, também sabe contar boas histórias. Tomara que, mais tarde, a Luisa também descubra que é uma boa contadora de histórias para os seus filhos, e que esses meninos ou meninas, que serão meus netos, continuem contando para seus filhos e netos algumas histórias como estas, que também seguirão contadas e recontadas...

*Ricardo Prado*

# PARA SABER MAIS

O livro *No meio da bicharada* traz uma seleção de fábulas brasileiras, todas originárias de diferentes povos indígenas, coletadas por diversos estudiosos do folclore, como Luís da Câmara Cascudo, Couto de Magalhães, Oswaldo Orico, entre outros. Tais fábulas, que trazem como personagens os animais da fauna brasileira, foram pesquisadas, selecionadas e recontadas por Ricardo Prado, que é jornalista e escritor.

As crianças costumam gostar muito desses contos, nos quais os animais agem e falam como humanos. Acontece que as fábulas disponíveis nos livros infantis brasileiros são quase todas de origem europeia, sejam as escritas pelo grego Esopo, que viveu antes de Cristo, sejam as do francês La Fontaine. Temos também a consagrada publicação das *Fábulas* de Monteiro Lobato, que apresentavam a novidade de ter as personagens do Sítio do Picapau Amarelo comentando as fábulas europeias.

O rico fabulário dos povos indígenas do Brasil, entretanto, permanece disperso e pouco acessível para as crianças. Foi preciso que Ricardo Prado fizesse uma pesquisa em obras raras da Coleção Brasiliana da Universidade de São Paulo para criar este livro, com 11 recontos indígenas. São histórias breves, que na tradição oral eram recontadas às novas gerações como forma de transmitir ensinamentos morais e comportamentais, e que preservam o frescor da novidade, apesar de suas origens imemoriais.

Ao fim de cada história, Ricardo Prado faz um pequeno histórico da versão original, falando do autor e do livro de onde a fábula foi retirada. Em alguns casos, a adaptação teve como ponto de partida duas, até três diferentes versões.